

## EDUCAÇÃO A DISTANCIA VIA RADIO E TV EDUCATIVAS: questionamentos e inquietações

Marlene M. Blois\*

### A saga da EAD

Em quase vinte e cinco anos trabalhando com Educação a Distância (EAD) e a utilização de meios massivos de comunicação em ofertas educativas as mais variadas, tenho participado de incontáveis seminários, congressos, grupos de trabalho e de estudo, espaços privilegiados de discussão e de reflexão sobre a relação indissolúvel entre Comunicação e Educação. Um conjunto de experiências muito rico, tanto no campo profissional quanto no pessoal, que tem me propiciado a oportunidade de questionar, de responder a inúmeras perguntas, umas de fácil posição, outras de abordagem complexa. Algumas exigindo de mim posicionamentos não-convencionais e, por isso, tomados como polêmicos.

Vale destacar os questionamentos que me inquietaram e os que permanecem desconfortavelmente em mim à procura de soluções criativas. Sem que eu tenha conseguido visão conclusiva sobre todas as questões levantadas, uma certeza ficou: elas serviram para me fazer buscar soluções, procurar refletir sobre acertos e erros, trocar experiências e, com humildade, querer conhecer melhor a mediação pedagógica, a relação entre Comunicação e Educação.

\*Livre-Docente em Comunicação - Televisão e Rádio, pela Universidade Gama Filho; coordenadora de Extensão do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); presidente do Cread/Regional Brasil e produtora/apresentadora da série radiofônica *Educação em Debate* da Rádio MEC/Rio.

Em Aberto. Brasília, ano 16, n.70, abr./jun 1996

Entendo que o mundo sempre se apresentou multifacetado a cada um de nós, mesmo que nossos sentidos não percebam o quanto existe de realidades múltiplas, o que implica, conseqüentemente, distintas zonas de significação. Ao longo da vida, muitas vezes Vivenciamos algumas dessas realidades, o que nos obriga a pensar e agir de forma variada, de "focar" um jeito muito próprio de realmente viver cada uma das tantas realidades que se nos apresentam.

Tentando aproximar algumas dessas realidades é que pensei esse artigo - uma seleção de questões e reflexões que não são apenas minhas, mas pertencem a alguns que, de certa forma e em determinado momento, pisaram o mesmo chão que eu. Aos que falaram e ouviram palavras de variadas interpretações em encontros por aí. Que leram tantos escritos passados a limpo e viram, perplexos, imagens de um mundo em acelerada mudança. Mas nunca, nunca essa gente *não-standard* deixou que situações críticas e de incertezas sufocassem o seu direito de sonhar e até de ser utópica. Uma espécie de saga, de sina, de abrir caminhos para mudanças e tentar vislumbrar saídas para uma *educação pelos meios*. Aqui, nessas notas, pelo e com o *rádio* e a *televisão* ganhando destaque especial.

### As questões que a muitos inquietam

Gente que se sente compromissada com justiça social, democratização de oportunidades educativas, uso do rádio e da televisão em ofertas de educação, independentemente de pertencerem ou não aos quadros dos profissionais da área, tem-se preocupado com questões como:

- O Brasil já conta com um número significativo de emissoras educativas de rádio e de televisão?
- Existe um *sistema* de radiodifusão educativa estruturado e em operação no país?

- A oferta de programas de Rádio e TV educativos pressupõe para a sua concretização a existência de emissoras educativas?
- Teleducação só se faz através de ofertas de cursos pela TV?
- A legislação em vigor tem, entre outras causas, dificultado a implantação de emissoras educativas no país?

Na base das questões apontadas, além do *rádio e da televisão educativos*, está a *educação a distância* com suas inúmeras possibilidades, principalmente em um país onde as carências são de tal grandeza que as soluções não serão atingidas somente pelas vias tradicionais utilizadas até agora.

### O Brasil já conta com um número significativo de emissoras educativas de rádio e televisão?

Se a referência ao adjetivo "significativo" for a proporcionalidade entre emissoras comerciais/emissoras educativas,<sup>1</sup> pode-se afirmar que *não*. Dos canais outorgados pelo governo federal, 1.573 são de rádios em Ondas Médias (OM); 72 em Ondas Tropicais (OT); 24, em Ondas Curtas (OC) e, em Freqüência Modulada (FM), 18. Para TV, somam 257, acrescidos de 25 destinados à TV por assinatura (dados de fevereiro de 1995).<sup>2</sup>

Nesse universo, quantas são as Educativas? As emissoras de Rádio são apenas 67: 45 FMs, 17 OMs, 3 OCs e 2 OTs; as geradoras de TV, 19, que ampliam seu alcance através de 747 retransmissoras, conforme consta da tabela a seguir.

<sup>1</sup>O Brasil apresenta um sistema misto de comunicação com emissoras públicas e privadas, podendo, em ambos os casos, a exploração ser comercial ou com fins exclusivamente educativos.

<sup>2</sup>Atualmente são 424 os canais de FM reservados à Educação, com cerca de 10% de ocupação apenas.

**Tabela 1 - Distribuição das Emissoras de TV e Rádio Educativas Brasileiras por Região, em 1997**

Região	Emissoras Educativas					Total
	TV	OT	OC	OM	FM	
Norte	2	1	-	-	1	2
Nordeste	8	-	1	3	9	13
Sudeste	6	1	2	7	25	35
Sul	2	-	-	4	7	11
Centro-Oeste	1	-	-	3	3	6
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>17</b>	<b>45</b>	<b>67</b>

\*Emissoras geradoras.

Fonte: FRP/Sinred/março de 1997.

Caso se tome como referência a área de alcance das Educativas e, por conseguinte, o público que poderia se beneficiar de suas mensagens, também o adjetivo "significativo" não parece bem empregado. Dos cerca de 5 mil municípios brasileiros, 1.090 estão sob *a potencial* cobertura das emissoras educativas, a maioria chegando com seu sinal apenas na zona urbana da cidade onde se situa.<sup>3</sup> Acrescente-se, ainda, como fato redutor de seu alcance, a baixa potência dos transmissores e as condições - longe do ideal - em que operam tanto as Educativas de TV quanto as de Rádio.

Saber que apenas um município brasileiro em cada cinco recebe o sinal de uma Educativa, de forma não abrangente e em condições técnicas questionáveis, deve servir de alerta para que as comunidades possam pleitear um número bem maior de canais, nunca esquecendo de que "canais de radiodifusão são bens *não* renováveis". (Blois, 1992) e, por conseguinte,

<sup>3</sup>No Brasil, 84,3% dos domicílios têm rádio e 73,1%, TV. Na zona rural, o número de domicílios que possuem rádio é quase o dobro dos que contam com aparelhos de televisão, o que representa 61,1% da população sem TV, contra 18,68% sem rádio.

precisam ser reservados e ocupados principalmente os que devem destinar-se à educação.<sup>4</sup>

### **Pode-se dizer que o Brasil tem um sistema de radiodifusão educativa estruturado e em operação?**

É preciso diferenciar *rede* de *sistema*, ainda, analisar o que já avançaram, numa ou noutra direção, as TVs e as rádios educativas.

Tanto as rádios quanto as TVs educativas já se reuniram inúmeras vezes na busca de caminhos para a efetivação de um *sistema* de radiodifusão educativa que as congregasse. No início de 1996, o grupo das rádios, em mais uma tentativa de aproximação e de chegar a formas operacionais que viabilizem uma *programação em rede*, voltaram a se encontrar, no Rio de Janeiro. O ponto chave, no caso, era a entrada em satélite da Rádio MEC/Rio e o projeto de equipar as Educativas para receber sinal, também via satélite.

Iniciativas anteriores voltadas para a *produção* de séries culturais, com temática geral desdobrada em programas de cunho regional, como as pioneiras *Coisas da Província* e *Meu Brasil Brasileiro*, ainda nos anos 80, poderiam ter sido o embrião de um sistema de co-produção radiofônica, mas se perderam no tempo e com a mudança dos responsáveis pela idéia, como tantas outras propostas de intercâmbio entre as emissoras de rádio. O que ainda se vê é uma espécie de "ação entre amigos" de cópiagem de

<sup>4</sup>O Ministério das Comunicações prevê o aumento do número de canais de rádio, fruto de reengenharia, com a criação, até 1998, de mais 4.200 canais de FM e, até o ano 2002, constam outros 4.250 também de FM. E preciso ampliar a reserva de canais destinados à Educação.

séries produzidas pelas rádios com melhores condições, para veiculação pelas que sobrevivem em precárias condições técnicas e financeiras ou pelas que se interessam por um determinado assunto abordado.

Quanto às TVs, a TVE-RJ segue como cabeça de rede, congregando parte das emissoras em funcionamento e suas retransmissoras, tendo como carro-chefe o *talk-show Sem Censura*. Vale esclarecer que existe total liberdade de escolha dos programas a serem retransmitidos e do horário para colocá-los no ar, com exceção do *Sem Censura*, que se mantém com boa receptividade, a par da concorrência de outros programas na mesma faixa de horário.

O didático *Um salto para o futuro*, antes da veiculação exclusiva pelo canal da TV Escola, também entrava ao vivo (das 19h às 20h), direcionado ao segmento de público constituído por professores, reunidos os cursistas em telessalas. A característica da série é a interatividade que se estabelece entre centro produtor/receptores cativos, mesmo que isso se dê apenas de forma controlada.

Mas a rede capitaneada pela TV Educativa carioca não reina mais sozinha. Há algum tempo, a TV Cultura de São Paulo conseguiu espaço no satélite e surge então uma *rede paulista* de TV e rádio, cobrindo inicialmente o interior do estado. A seguir, se expande e começa a *exportar* programas para outras co-irmãs, rompendo os limites estaduais. Seus carros-chefes ganham novos públicos: o desafiador *Roda Viva*, os premiados *Ra-tim-bum* e seu *Castelo*, o jornalismo. A rádio também amplia o alcance de seu noticiário e de seus programas musicais.

Até aqui falamos em *redes*. Para que tivéssemos um *sistema*, no entanto, seria necessário que, além da disposição das partes ou mesmo dos elementos de um todo coordenados entre si, para um mesmo fim - no caso, oferta de programação educativa via rádio e TV - , as emissoras funcionassem como estrutura organizada. Seria fundamental ainda que o conjunto das emissoras em operação tivesse adotado métodos e filosofias consensuais, tanto do ponto de vista teórico quanto no que concerne à sua aplicação prática.

Nas Educativas, no entanto, não há indícios de disposição, coordenação ou mesmo unicidade quanto a postulações teóricas básicas e seu reflexo no fazer televisivo ou radiofônico, portanto não há como configurar um *sistema*. Às vezes parece mesmo que o *para quê* da linha adotada para a programação e o *porquê* desse ou daquele programa não sejam perguntas norteadoras e iniciais das ações subsequentes de produção. Para muitos profissionais, ressaltam como mais importantes decisões sobre o *como* (formato do programa, as equipes de produção, a abertura, as vinhetas etc.) e o *quando* (tempo disponível) do que discussões que impliquem refletir a respeito do papel da emissora, pontos embutidos nos questionamentos iniciais.

A par de existir o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (Sinred), com dois subsistemas - Rádio e TV- , na verdade falta vontade política que transforme em realidade o que ainda não passa de uma sigla, um nome, uma intenção.

<sup>5</sup>Fazem parte do Sinred: 17 geradoras e 574 retransmissoras de TV; 31 FMs, 13 OMs, 3 OCs e 2 OTs.

### **A oferta de programas de rádio e TV educativos pressupõe como indispensável para sua concretização a existência de emissoras educativas?**

Qualquer emissora de TV ou Rádio pode não só veicular como produzir programas educativos.

De 1970 a 1995, por força de convênio entre a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV (Abert) e o Ministério da Educação (MEC), todas as TVs e Rádios colocavam no ar programas educativos produzidos e distribuídos pelo MEC, ampliando-se, potencialmente para todo o país, o alcance dos benefícios das mensagens veiculadas, principalmente de seus cursos supletivos.

Quanto à produção, desde os tempos do histórico Projeto Minerva (anos 70), seguidos pelos da Portaria n° 568/70 (MEC/Ministério das Comunicações), existiram vários casos de emissoras de rádio e de TV que encaminhavam pedido de autorização ao MEC para produzirem os programas que veiculavam no horário obrigatório. Eram programas de boa qualidade e de interesse da comunidade local, que, por exemplo, as Rádio Guaíba (RS), Nacional (RJ), Difusora, Brasil Central e Pousada do Rio Quente (GO) produziram.

Entre as emissoras de TV, o destaque fica com a Globo, com os seus mais famosos produtos: o *Sítio do Pica Pau Amarelo* e os *Telecursos de 1º Grau* e 2000.<sup>6</sup> Financiado o primeiro dos cursos pelo MEC, na ocasião foram levantados questionamentos acirrados sobre o montante dos recursos destinados à Fundação Roberto Marinho, para a sua realização (embutidos os custos de veiculação pela TV Globo e suas afiliadas), além

<sup>6</sup>O *Telecurso 2000* foi financiado pelo Sistema Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

de se debater se tais verbas não deveriam ser alocadas à TV Educativa, na ocasião vinculada ao próprio MEC, Canal 2/Rio, sempre carente em termos orçamentários. Não se discutia, em hora alguma, a pertinência e importância de se colocar no ar um curso supletivo, que ajudou tanta gente, neste imenso Brasil, a conseguir a sonhada e fundamental terminalidade de 1º grau, condição indispensável para prosseguimento dos estudos.

E as TVs a cabo e por assinatura também podem colocar no ar programas de natureza educativa? Arthur Santos Reis, no *Jornal do Brasil* de 12/3/94, compara o que têm oferecido a TVE-RJ e as TVs por assinatura, assim:

*Até as TVs por assinatura, como os canais SuperStation e o GNT, têm um cardápio mais vibrante e de moderno didatismo. Coisas deste tipo é que são, na verdade, um jeito atual de ser educativo.*

A Net distribui aos privilegiados que pagam pelo direito de receber uma programação selecionada, além de canais que veiculam documentários de grande valor educativo, a imagem, entre outras, da TV Cultura de São Paulo. E o reconhecimento da qualidade sem preconceito de rótulos, no caso da origem de quem produz e/ou oferece.

E finalizando, sem, no entanto, esgotar a questão e os muitos exemplos que comprovam a nossa posição sobre o assunto, podemos apontar programas como: o *Globo Ciência*, o *Globo Rural*, reportagens apresentadas no *Globo Repórter*, as séries televisivas baseadas em obras literárias de escritores brasileiros e as que retratam episódios da nossa História (Chatô e Luís Carlos Prestes são exemplos recentes); a cobertura jornalística de fatos marcantes da História recente do país etc. Tudo isto é fazer educação sem estigmatizá-la.

Em Aberto, Brasília, ano 16, n.70, abr./jun. 1996

### **Teleducação só se faz através de cursos pela televisão?**

*Tele+educação* quer dizer *educação a distância* e não educação pela televisão. Para se oferecer cursos a distância, pode-se usar variados meios, conjugados ou não.

Os primeiros cursos oferecidos a distância, ainda no século passado, valeram-se dos serviços dos Correios da época e fracionaram o conteúdo em lições, que chegavam ao aluno por meio de material impresso. E a primeira forma de se distanciar professor/aluno, mantendo-se, no entanto, a ação do primeiro (ensinar) sobre o segundo (aprender).

Mas o que há de *fantástico* nessa oferta de ensino-aprendizagem, que acompanha o progresso tecnológico e vai, ao longo do tempo, incorporando novos meios e colocando-os a serviço da Educação? Que faz de meios originalmente usados com outros fins, como o rádio<sup>7</sup>, a televisão, o áudio e o videocassete, o fax, o videotexto e o computador, acompanhados ou não de material impresso (livros, fascículos, módulos instrucionais, fichas didáticas etc), instrumentos com emprego definido e definitivo na Educação, seja para muitos ou para atender grupos específicos? E que nessa modalidade de Educação *não presencial* rompem-se alguns preceitos até então considerados indispensáveis para que a aprendizagem se realize: a) as presenças físicas de quem ensina e dos que aprendem frente a frente (educação presencial); b) o espaço físico definido e específico para que o contato entre ambos se dê (sala de aula); c) a estrutura organizacional básica (escola); d) o grupo de aprendizagem o mais homogêneo possível (turma); e) o discurso oral como meio predominante de passar mensagens/conhecimentos (*magister dixit*); f) o tempo de aprendizagem imposto pelos especialistas em educação (ano/semestre letivo, carga horária).

<sup>7</sup>O rádio nasce educativo e cultural, no Brasil, como o definiu seu fundador, o pioneiro Roquete-Pinto.

Na Educação a Distância, o foco do processo ensino-aprendizagem desloca-se da figura do mestre para a do aluno, que passa a planejar e a definir o caminho de chegada aos objetivos que precisa alcançar. Suas ofertas só se realizam quando existe enfoque sistêmico de todo o processo, englobando desde o planejamento, passando pelo levantamento de objetivos e conteúdos, pela produção dos materiais educativos, as formas de fazê-los chegar ao usuário, além do acompanhamento e da avaliação, até a previsão do controle de todas as etapas do trabalho e o conseqüente reajuste, se necessário.

A Teleducação ou Educação a Distância tem apresentado excelentes resultados em inúmeros países, quer do Primeiro Mundo, quer nos que mais necessitam da educação para diminuir a distância em que se encontram do desenvolvimento, da ciência e da cultura tecnológica dos tempos modernos.

Vale destacar que as ofertas de EAD podem ser tão variadas quantos forem os interesses e as necessidades da clientela que busca formas alternativas de vê-los atendidos. E o leque se abre para realizações não-formais, colocadas no ar via canais de Rádio e TV, visando à educação para a cidadania, por exemplo. Convivem com ofertas estruturadas em cursos, que também podem chegar ao cursista pelos mesmos meios ou por outros mais adequados aos objetivos a alcançar, à natureza dos conhecimentos, às condições do usuário etc.

Teleducação - não importa aqui qual o meio ou meios utilizados -, o que realmente se faz imprescindível é que o Brasil *acorde* para um novo tempo, se quer mudar o quadro de atraso em que se encontra em todos os campos, seja mediante a Educação a Distância ou a Teleducação - que também pode se fazer através do rádio e da televisão -, beneficiando muitos

brasileiros<sup>8</sup> ou usando o satélite e as parabólicas de fabricação nacional, sem passar pelas telinhas das redes comerciais ou educativas, indo direto de uma ou mais centrais de transmissão para as salas de aula desses muitos "Brasis", nos horários adequados a cada clientela a atingir. Satélite que ganha, assim, uma função nobre - a *de educar*- fazendo até que esqueçamos a triste finalidade que também já lhe deram: a de ser espião tecnológico (ou ideológico?) a rodar em órbita sobre nossas cabeças.

Teleducação se faz de muitas formas, usando a *televisão* e o *rádio* se estes forem os meios considerados adequados para levar conhecimento, informações e mensagens de utilidade pública ao público em geral **ou a** determinados segmentos.

Importa é que a EAD aconteça *já*, sem mais discussões acadêmicas ou políticas. A sociedade brasileira já amadureceu o suficiente para entender que estruturas formais não conseguirão atender às grandes demandas no campo da Educação. Através das Rádios e TVs Educativas e valendo-se dos meios disponíveis, vamos democratizar o acesso à educação. Sem mais delongas...

#### **A legislação em vigor tem, entre outras causas, dificultado a implantação das emissoras educativas no país?**

Várias são as questões, além da legislação, a considerar para que se tenha uma visão abrangente sobre o assunto. Vão, por exemplo, dos textos legais que viabilizem a outorga de canais para fins educativos ao desconhecimento da existência desses mesmos canais pelos que podem solicitá-los; da *falta de uma política* clara e verdadeira para a Radiodifusão Educativa à lentidão e timidez de ações, que a utilizam em projetos de Educação a Distância.

<sup>8</sup>Em pesquisa de opinião sobre grau de confiança nas instituições, realizada pelo Ibope em dezembro de 1996, o rádio ficou em 1º lugar entre os meios de comunicação, com 60%, e a TV em 3%, com 56% de confiabilidade.

A Lei nº 6.301, que criou a Radiobrás, colocou sérios obstáculos à outorga de canais a instituições federais, com destaque, no caso, para as chamadas IES (Instituições de Educação Superior). Na verdade, foi um pé-no-freio para a ampliação das TVs e rádios universitárias, numa época em que a comunidade acadêmica — lembrar dos movimentos estudantis! — era considerada pelo governo militar como de extrema periculosidade. E como foi possível contornar a legislação? A saída foi a criação de fundações específicas, com a participação da universidade interessada, e, então, pleitear o canal desejado. Foi assim, por exemplo, com as Rádios Universitárias da Paraíba e de Pelotas-RS e com as TVs de Mato Grosso-MT e de Uberlândia-MG.

No entanto, é fácil deduzir que a Lei "Radiobrás" foi a grande inibidora da radiodifusão universitária federal. Sem dúvida alguma, no âmbito do sistema superior de ensino, seriam as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), as que apresentavam melhores condições de viabilizar as chamadas Universitárias.

Mas não param por aí os dificultores legais para a implantação das Educativas. Ainda com os antolhos grudados ao rosto e com os fantasmas da falta de recursos rondando as mentes, restringe-se a alguns o direito a uma Educativa (incluídas aí as Universitárias), através de portarias interministeriais.

O que se espera visando a reverter esse quadro? A revisão da legislação específica referente à Radiodifusão Educativa, tornando-a mais democrática; a revogação do artigo da Lei nº 6.301, que cerceia às instituições do governo federal o emprego da radiodifusão para fins educativos; e critérios transparentes na concessão dos canais de TV e de Rádio para aqueles fins.<sup>9</sup>

<sup>9</sup>O lema é tratado por mim em dois artigos (Blois, 1992: 1993).

É preciso tornar pública a legislação em vigor: aos que legitimamente já têm o direito de pleitear os referidos canais, para que o façam já; e aos que se sentem prejudicados, para que lutem por igual oportunidade. E o mínimo a fazer na busca de direitos iguais que, no caso, atingem a muitos, se pensarmos no alcance das ações educativas viabilizadas pelas ondas de emissoras de Rádio e de TV.

Bem, aí estão algumas questões das muitas que me chegaram nessas andanças, encontros e desencontros. Enquanto isso, a tecnologia ganhou incríveis espaços e avança sem dar tempo para que o homem, que a cria, possa pensar sobre os seus efeitos. Alguns dizem que, maquiavelicamente, faz maravilhas e vai transformando a vida dos países e dos cidadãos em qualquer parte do mundo. Dizem outros que a globalização e a instantaneidade da informação vão tornar o indivíduo, desta década e do futuro, mais livre, embora, paradoxalmente, as economias caminhem para se tornar reféns dos sistemas de telecomunicações e de informação, segundo John Naisbitt, em seu *Paradoxo Global*. A *telefusão* será a realidade a enfrentar, a palavra de ordem, sem futurismo e com o pé ao mesmo tempo no chão e no infinito...

Não importa onde o homem esteja: ele é *alcançado* pelo ar, pelas antenas de TV e Rádio; pelos cabos da TV, que avançam em busca do mercado do Terceiro Mundo; pela fibra óptica; pelos satélites! As multimídias interativas -telefone digital, CD-ROM, TV a cabo, quiosques multimídia etc - criam expectativas, incomodam aos que, refestelados nos seus *mundinhos-berger*, sentem-se ameaçados diante do desconhecido.

Acoplar diversos meios, valendo-se de programas especiais para computador, já é realidade que, em breve, vai estar chegando por aqui: o usuário comanda o processo e se sente como se estivesse lendo o jornal, tendo as imagens da TV acompanhadas do noticiário do rádio. Os textos estão no CD e une "ícone com os sons dos principais noticiários das rádios e outro onde estão as imagens veiculadas pela TV. Basta ir clicando, clicando, clicando..." (De Luca, *O Globo*, 25/4/1994).

É verdade que já existe gente se preocupando em definir normas e elaborar regulamentos que determinem os usos das mídias interativas, principalmente pelo poder de sedução e persuasão que possuem esses novos instrumentos de comunicação.

Mas... Medo de quê? "Não carece", como diz o nosso matuto, em sua sabedoria adquirida *corn e na* vida... Vale é trazer essas tecnologias para a comunicação educativa, adequando cada uma às necessidades de ofertas de EAD, seja de forma aberta, em propostas de Educação Permanente e Continuada, seja para atendimento direcionado, através de cursos especialmente produzidos para EAD. Se a ordem for preparar recursos humanos - em diferentes estágios nesses muitos Brasis - para as exigências de uma sociedade em rápida transformação, o jeito é começar a *mergulhá-los* conscientemente na cultura tecnológica, sem descuidar da razão humanística de seu uso. E TV e Rádio já fazem parte do cotidiano da maioria do nosso povo.

Em Aberto, Brasília, ano 16, n.70. abr./jun. 1996

As Educativas, na concepção atual, não podem continuar a ser "uma força estranha no ar".<sup>10</sup> Precisam desempenhar *naturalmente* o seu papel, sem serem diferentes por não acompanhar o seu tempo, no que diz respeito ao emprego de tecnologias, nos projetos multimídia que colocam no ar. Se a diferença for pela qualidade, pela inovação, pelo alcance social de suas propostas, pelas parcerias adequadas e indispensáveis, pela coragem de sacudir a poeira de anos e anos de um fazer inócuo e atacar questões fundamentais para o desenvolvimento do país e da própria radiodifusão, que se faça já.

Como afirma Muniz Sodré (1996, p.97):

*Admitindo-se a possibilidade de revisão de seu estatuto econômico e semiótico atual, os meios de comunicação de massa têm um papel importante a desempenhar em todo esse processo, uma vez que, junto com eles e suas derivações tecnológicas, desenvolvem-se novas técnicas cognitivas, novos modos perceptivos, novas maneiras de viver a cultura.*

Vale colocar nesse circuito as Educativas - rádios e TVs. Pelo menos uma em cada município deste imenso país.

<sup>10</sup>A situação das Rádios Educativas, com destaque para as FM Educativas, foi o tema da tese que defendi, ver: Blois, 1996.

## Referencias bibliográficas

ANDRADE, Arnon A.M. de. Novas tecnologias?. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, v.22, n.1 13/114,p.20-22,jul./out. 1993.

BLOIS, Marlene M. As educativas: caminhando contra o vento. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, v.22, n. 113/114, p.79-84,1993.

\_\_\_\_\_. *Florescem as FM educativas no Brasil. Radiografia do Radioeducativo no Brasil e os fatores favoráveis à ocupação dos canais de FM educativos*. Rio de Janeiro, 1996. 471p. Tese (Livre Docência em Comunicação - Televisão e Rádio). - Universidade Gama Filho.

\_\_\_\_\_. A ocupação dos canais educativos em FM: realidade ou utopia?. Rio de Janeiro, *Perspectiva Universitária*, v. 11, n. 187, out. 1985.

\_\_\_\_\_. Rádios e TVs universitárias: uma proposta em discussão. In: *Comunicação e Solidariedade*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 107-112.

\_\_\_\_\_. Reserva e ocupação dos canais educativos em FM. *Comunicação*, Rio de Janeiro, n.33, p.12-15, [1985].

\_\_\_\_\_. O uso cultura] e educativo do rádio no Brasil. In: SOARES, Ismar de O., MOTTA, J. M. (Orgs.). *A comunicação na construção da paz*. São Paulo: Paulinas/UCBC, [1987]. p.149-153.

FADUL, Anamaria. Decadência da cultura regional: a influência do rádio e da TV. In: MELO, José Marquês de. (Coord.). *Comunicação/incomunicação no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1976. p. 49-54.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Novas tecnologias de comunicação: impactos políticos, culturais e sócio-econômicos*. São Paulo: Summus, 1986. p. 19-31.

FAUSTO NETO, Antônio. Incomunicação rural: dependência e fatalismo. In: MELO, José Marquês de. (Coord.). MELO, José Marquês de. (Coord.). *Comunicação/incomunicação no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1976, p. 85-103.

OLIVEIRA, J. Fernandes de. O Rádio a serviço da solidariedade. E possível? In: FERNANDES, Francisco A. M., BARROS, Laan M. de. (Orgs.). *Comunicação e solidariedade*. São Paulo: Loyola/UCBC, 1992. p. 177-180.

RAMOS, Murilo César. Educação, comunicação e cultura da informação na transição pós-moderna. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder, FAUSTO NETO, Antonio. *Comunicação e cultura contemporâneas*. Rio de Janeiro: Notrya, 1993. p. 95-114.

SÁ, Fernando. Comunicação e democracia. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, v.22, n.1 13/114, p. 53-56, out. 1993.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando @ cultura: comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOUCHON, M. Educación y medios de comunicacion de massa: contradicciones y convergencias. *Perspectivas*, v.7, n.1, 1982.